

### COLLABORAÇÃO.

#### O dever.

##### I.

Que fogo impuro me devora as veias;  
Que ardor é este que pollue minh'alma?...  
Melhor que a imagem do mundano gozo,  
E' ter na mente—da virtude a palma!...

Bem alto falle a consciencia minha;  
Bem alto o grito do dever resõe!  
—Em vez do gozo, que ligeiro passa,  
Antes se diga—um cavatheiro foi!...

Instinctos brutos dominar não deve  
Ao ente livre que se presa de homem!  
Somente é nobre quem a si se vence,  
Paixões calmando que o até consomem!...

##### II.

Mais poder que a liberdade  
Tem de certo o meu dever!...  
Sou livre... posso no vicio  
Me engolfar e me perder;  
Porem no abysmo já prestes  
A cahir por meu querer,  
Os passos logo suspendo  
Por não aviltar meu ser!

Prêso mais que a liberdade  
De minha alma a fortaleza;  
Que a liberdade emburga  
E a virtude da nebreza,  
—Elevando a humanidade  
De sua humilde pobreza  
A' magnifica altura  
Da divina grandeza!...

O DEVER é uma pedra,  
Onde minh'alma toquei;  
Seu magnetismo celeste  
Ah... não sei se o perderei!...  
Porem rogo a Deus Clemente:  
• Duravel, Senhor, fazei  
• Que eu conserve esta virtude,  
• Virtude que exaltarei...

Parnahiba, novembro de 1866.

D. M. CALDAS.

O POPYRO.

#### Recordações e soliloquios.

Ja vivi de folguêdos innocentes, na minha infan-  
cia; já vivi de sonhos, em minha adolescencia: hoje,  
posto que ainda na juventude, vivo de recordações  
tristonhas,—filhas de amargos desenganos, que tão  
cêdo me tornarão acerba a existencia!

Outro dia os hymnos; hontem o poema; hoje a  
elegia plangente, que é tão cheia de tristeza, tão  
sombria, tão melancholica!...

Sim, hoje só resta-me esta idéa fixa,—esta idéa  
que me atormenta: • Felicidade, amôr, gloria, onde  
estão? »

A felicidade consiste principalmente na vida des-  
cuidosa da innocencia, e é semelhante aos primeiros  
albores da manhã; por isso, ella passou rapidamente,  
como uma visão, quando eu ainda dormia no berço  
singêlo de minha infancia! E' certo, todavia, que  
eu senhei depois com a felicidade, de uma outra  
maneira: mas, com certeza, ella já tinha passado,—  
toda vestida de branco e coroadada de boninas, como  
uma destas manhãs arreaiadas de tremulas estrellas!

O amor consiste sobre tudo na pureza, intensida-  
de e desinteresse das affeições,—e é semelhante a luz  
benéfica do sol, que verdeja as plantas, dá variadas  
cores ás flores e sazóna os fructos,—chegando mui-  
tas vezes a penetrar nas cavernas, pelas fismas dos  
rochedos, a fim de levar a vida á pallida hervinha  
que alli se ache como que em dura prisão.....

O amôr, porem, nunca veio me circumdar com os  
seus divinos raios: o gelo foi se accumulando sobre o  
meu coração, immerso na eterna noite do polo!...

No meu cerebro, todavia, não raras vezes appa-  
recêrão—formosas *auroras boreaes*,—a illuminar  
phantasticamente as horrorosas solidões de minha  
alma abandonada e triste.....

--A gloria creio que consiste no dom, magica-  
mente obtido, de fascinar as turbas, constituídas em  
côro de mil louvores; muitas vezes inconscientes, mas  
sempre desejados...

Deve ser ella semelhante a uma passageira chuva  
de meteoros igneos ou de estrellas cadentes.....

Sei que o phenomeno existe; mas nunca presenci-  
ei-o por cima de minha cabeça scismadora, povoa-  
da de chiméras phosphorescentes, mas inuteis, como  
pyrilampos.....

Cercado de uma escuridão horrivel,—ninguem  
terá notado o brilho de minhas pupillas; ninguem  
terá reparado que os meus olhos serião capazes de  
despedir sentelhas de entusiasmo juvenil, se por  
ventura os estimulassem!.....

Hoje, em vez das alegrias da infancia; em lugar  
dos sonhos e aspirações da adolescencia; em vez das

nobres ambições da juventude,—só tenho as tristezas de uma velhice precoce! . . .

E o que são essas tristezas?

As côres mais pallidas da vida: o tédio que acompanha uma existencia que se tornou um fardo insupportavel! . . .

E' por isso que eu levo longos momentos a scismar taciturno ou a resmonear soliloquios d'esta ordem:

## I.

Farei os meus queixumes quando achar-me a sós: fallarei de felicidade, de amôr e de gloria—quando ver-me entre aquelles que possão duvidar do meu scepticismo!

Assim, chorarei de noite com o orvalho; rir-me-hei de dia com a luz! . . .

## II.

Minha alma não soube conservar os atavios brilhantes da mocidade!

Alegrias e sorrisos, despendeu-os prodigamente com quantos encontrou no caminho da vida. . . até que, porfim, achou-se reduzida a penuria; imaginando pedir emprestado á velhice um de seus habitos séveros—gravidade ou tristeza!

## III.

Possa eu ter humildade no coração; mostrando todavia altivez no semblante carregado! Este é sempre, mais ou menos, calumniado pelos homens; em quanto que aquelle—nunca deixa de ser devidamente aquilatado por Deus!

## IV.

Quando entro no palacio de um grande, e que me sinto acanhado, sempre digo commigo: Quizera ser humilde; mas só na presença de Deus! Quizera ser pequeno; porem somente em relação á humanidade!

## V.

Em meu coração, como em brazas da côr do carbunculo, já n'outro tempo ardêo incenso do mais exquisito perfume; hoje apenas n'elle se encerra—um pouco de cinza pardacenta—como sôe tel-a o thuribulo, depois de celebrada a festa do templo!

## VI.

Duvidar do amor, e não substituil-o pela torpeza. Descrer da gloria e não substituil-a por uma ambição vulgar! . . . Eis o que me consome e desanima! Eis o que me acabrunha o espirito!

Eu quizera ter a crença dos tempos fabulosos,—desses bons tempos da Grecia, paiz que alias tanto mentio, apesar mesmo de ter sido patria, diz-se, de homens que nunca mentirão nem siquer zombando!

Eu quizera ter a fé da edade média, essa fé robusta que os romances e os poemas teem talvez sabido exagerar—para fazer o martyrio de alguns loucos! . . .

## VII.

O grão fecundo que cahio em negro abysmo e lá transformou-se em misera planta, pallida e rachitica,—do fundo do seu antro pede ao sol que venha illuminal-a por um instante si quer,—ao menos com um só de seus raios infinitos!

E pois que o sol tem tanta luz para a natureza

toda,—possa ella, a planta infeliz, ser attendida em sua humilde supplica,—como eu desejo ser ouvido por Deus em minhas orações, porque tambem definho á falta de luz, á mingua de inspirações.

## VIII.

Quando a enfermidade é de morte, não pôde a medicina valer. . . Quando o edificio tem a base cercada ou ameaça completa ruina, de nada pôde talvez servir a engenharia. . . .

E assim, ó minha pobre imaginação,—o que tens tu a esperar de mim, ou o que tenho eu a esperar de ti? . . .

—Que a mumia egypcia assista ao banqueto do parente que é vivo!

—Que os muros altivos de Babylonia desçam ao nivel do Euphrates! . . .

—Que até mesmo desapareção os vestigios dessas ruinas, que poderião attestar uma grandeza passada. . . .

. . . . .

## IX.

. . . . .

Pernambuco: 1870.

D. ZAMPINI.

### Vestida de purpura.

Si Dieu n'avait fait la femme,  
Il n'aurait pas fait la fleur.

(V. Hugo.)

Não sei o que tens, formosa,  
Que és—tão similhante á rosa;  
Assim devéras louçã! . . .  
—Tu és gentil, engraçada;  
Porem, de espinhos cercada:  
Tê nisso, da rosa irmã! . . .

Tanto assim que me feriste,  
Co'um dito que proferiste;  
A' mim que sei te adorar! . . .  
Mas, púne a flor recendente  
—Borboleta que contente  
Vá junto d'ella adejar?

De aéreas nymphas infindas,  
As azas subtis, mui lindas,  
Não sei se a rosa feriu! . . .  
Mas, dos teus labios, formosa,  
Aquella phrase espinhosa  
O meu coração pungiu! . . .

Não sei se já te esqueceste  
Da vez em que me offendeste  
Muito mais que a rósea flor!  
Estou porem convencido  
De que é sorte—o ser ferido  
Quem por ti sentio amôr! . . .

Teu vestido cor de rosa  
 Fez-me mal, virgem formosa;  
 Fez-me mal, que eu bem senti!  
 Bastou ver a encantadora,  
 —Bella imagem, seductora,  
 Que n'elle reconheci!

Rubro, da côr do vestido,  
 O meu coração ferido  
 Ficou, assim que notei  
 Sobre o teu corpo engraçado  
 O vestido afortunado,  
 Cujo destino invejei!

Não ser eu—quem apertasse  
 Tal cintura,—quem velasse  
 Pomos da cor da cecém!  
 Mas, o vestido,—samente,  
 Mais ninguem,—vive contente:  
 Fez-me figas... mais de cém!

Em 3 de dezembro de 1870.

LIVIO DRUSO.

### Fragmento.

Tive um desengano, passando por junto d'aquella  
 pequena casa!...

Eu suppunha que em meu coração,—que se havia  
 petrificado, que se havia tornado duro e frio,—não  
 se encontrasse mais uma scintilla de amor, um átomo  
 si quer d'essa luz divina que esclarece as almas!

Eu me suppunha insensível de todo; mas—não!

N'aquella hora, n'aquella sitio,—junto aos cajuei-  
 ros e ás bananeiras que me erão tão conhecidas...  
 repentinamente, como uma visão sobre-natural, sa-  
 hio ao meu encontro—a melancolica virgem que  
 se chama *Saudade*; de semblante bello, mas tristo-  
 nho; bem ataviada, mas profusamente ornada de rô-  
 xas violetas;—pallida e pensativa!...

A *Saudade* tocou-me distrahidamente no coração,  
 e essa pedra fria que eu trago dentro do peito—  
 jorrou fogo immediatamente como um vulcão, e ver-  
 teo sangue como a pedra que sendo tocada por Moy-  
 sès brotou agua crystallina no meio do deserto!...

O' *Saudade*, clamei angustiado, ó *Saudade*, su-  
 blime pensativa vestida de rôxas violetas! Porque  
 vieste, assim distrahida, ferir o silex inerte que se  
 achava no meu peito?...

Ai! Porque tiraste d'elle—vivo lume,—chispas  
 de côr vermelha,—luz e sangue?...

A pedra, que é ferida, faisca fogo; o coração em-  
 pedernido, quando é tocado fortemente,—desfaz-se  
 em torrentes de amôr; espadanando essa luz myste-  
 riosa de que estão cheias as almas sensíveis!...

O' *Saudade*, sublime pensativa, vestida de rôxas  
 violetas! Porque vieste roçar a pedra dura que ja-  
 zia resfriada em meu seio; porque vieste tocar nesse  
 seixo cordiforme que estava dentro de um peito ca-  
 verhoso e tetrico?

O' *Saudade*, sublime pensativa vestida de rôxas vio-  
 letas! Quanto mal fizeste em tocar-me casualmente  
 com o teu magico anel cravado de amethistas!...

Não saias mais ao meu encontro, ó pallida *Sau-  
 dade*, sublime pensativa, vestida de rôxas violetas!..  
 Tu debes comprehender bem—que não vale a pena  
 passeiares distrahidamente pelos desertos de minha  
 alma devastada,—pelas medonhas fragosidades de  
 meu peito!...

*Saudade!* Oh! não queiras jamais encaminhar-te  
 para junto de meu áspero coração; não venhas tocar,  
 ainda uma vez, n'essa pedra feia que guardo inutil-  
 mente dentro do peito: deixa antes que nas conca-  
 vidades de semelhante lapa—resôe apenas o echo si-  
 nistro do furação que desencadeou-se terrível—no  
 meu espirito, atrozmente combatido; ou n'essa pesa-  
 da atmospherá moral, toda pejada de sombrias nu-  
 vens, de negros bulcões, de coruscantes raios, de  
 terriveis detonações!...

N'este momento, pareceu-me ouvir a *Saudade*  
 murmurar queixosamente, como um suave gemido  
 da briza: «Eu sou o *arco-iris* que apparece no fim  
 de semelhantes tormentas; não me repillas, por tanto!  
 Me afastarei de ti, insensivelmente; mas, depois, de  
 deixar-te serenado!...»

Começava a bonança para mim: os ultimos rugi-  
 dos da tempestade havião desaparecido.

Eu já tinha coração, outra vez!...

Junho 4.

(VII.)

D. ZAMPIERI.

### Na hora do crepusculo...

Ne soufflez pas sur elle, ó vents tièdes des vagues!  
 Ne fondez pas cette ombre, éclairs du firmament!  
 (Lamartine)

Presente agora tenho—o vulto d'ella:  
 Visão ethérea que nas trevas desce!  
 Exulto ao vel-a; enthusiamado exclamo,  
 Quasi em delirio!...

—Si ao grego artista inspirações lhe dèsses  
 Maior prodigio de esculptura antiga  
 Houvera feito co'o cinzel divino  
 —Sublime Phidias!

E na verdade! Um corpo assim tão bello....  
 Era o mais proprio de ficar p'ra sempre  
 Eternisado, por esforços d' arte,  
 —No rijo marmore!

Sculptor-poeta—ser, quizera eu antes;  
 Que ter de Ovidio o portentoso estro!  
 Hoje, por um cinzel—troçára a lyra,  
 A lyra ebúrnea!

Famosa Venus, cinzelada à custo,  
 Rival marmórea encontraria altiva,  
 Na imagem tua—que tallhado houvesse  
 —Novo Praxiteles!

Isto dizendo, em meu favor implôro  
 Os braços niveos, que me cingem logo,  
 E nesse instante transportado achei-me  
 —Talvez no empyreo!

Em breve tempo, conduzido aos astros!...  
 —Não sei que mágico poder é esse  
 Que tem as fadas, de transpor o espaço  
 —Guiando o genio!...

D. ZAMPIERI.

## Transcrições.

### Comprimentos de diversos povos.

(Extrahido do *Mineiro*.)

Os habitantes de Gilolo no Archipelago das Molucas, levantão o pé ou a mão d'aquella pessoa que obsequieão e paixão-na differentes vezes pelo rosto.

Os Laponios batem fortemente com o nariz no daquelle de quem pretendem saudar.

Em Nova Guiné deitão folhas sobre a cabeça daquelle a quem se comprimenta.

Os antigos Suecos, levantavão o pé esquerdo á pessoa comprimentada e pondo-o com delicadeza sobre a perna direita, o elevavão depois até o rosto.

Os habitantes das Philippinas, curvão-se quanto pôdem, e com as mãos sobre as faces, dobrão o joelho, levantando o pé para o ar.

Os Ethiopes, pegão nas roupas daquelle a quem saúdão e enrolão-se nellas até deixarem o seu amigo quasi nú.

Os Japonezes para se cortejarem em qualquer rua, tirão uma das chinellas: e os habitantes de Astrakan (Russia) uma das sandalias; mas estando em casa tanto uns como outros descalção-se de todo.

Dois reis negros da costa d'África, comprimentão-se apertando tres vezes o dedo minimo.

Os indigenas da Peninsula Carpentaria (Oceania) em testemunho de uma affeição particular, rasgão uma de suas veias e offerecem aos seus amigos o sangue que della sahe, em fórma de bebida.

Os Chinezes, quando se encontrão depois de uma longa separação, lanção-se de joelhos, inclinão o rosto duas ou tres vezes para o chão e praticão muitos outros distinctivos de affeição: tambem ha entre elles uma especie de ritual ou formulario de cumprimentos, pelo qual se regula o numero de reverencias que devem ter lugar ou ser empregadas nestas occasiões. Os embaixadores repetem esta cerimonia quarenta dias antes de serem introduzidos na corte.

Os Taityanos batem com os narizes um contra o outro.

Em algumas provincias meridionaes da China, os habitantes, saúdão-se com, estas palavras *Yat fan?* —comestes já o vosso arroz?—

Os Holandezes que muitos considerão como mui comedores, tem um cumprimento proprio da manhã e que é commum a todas as classes: *Smaakely keeten?*—Tendes bom jantar? Tambem perguntão: *Haer vaart arre?*—Quando chegaste á terra ou quando desembarcaste?

Esta ultima formula provém sem duvida dos primeiros tempos da republica, quando todos elles erão navegantes e pescadores.

No Cairo (Egypto) pergunta-se: *Como estás de suor?*—porque se reputa a pel-secca como indício de uma febre mortal.

### Jeruzalem.

Lê-se no *Ccareense*:

—O Monsenhor Pinto de Campos, em sua, obra novissima, intitulada Jeruzalem, em seu prologo, assim se expressa sobre a cidade maldita.

«Nenhuma outra cidade foi jámais tão predilecta, beneficiada, privilegiada, possuidora de tantas riquezas e tantas glorias. A prata a rodo e sem valor, a magnificencia do Sião e do Moria, eram suas menores vantagens; era a cidade dos Patriarchas, a decantada pelos prophetas, a venerada dos povos, a que exultava de decoro, a rainha das nações, a delicia do povo, a estremecida de Deus, a cidade dos mysterios, paz, justiça, piedade e gloria: *civitas Dei!*

Mas foi ella não menos a cidade ingrata e perfida, e dahi se lhe deriva a humilhação, que em todos os seculos se perpetua e a todos os seculos assombra. Quantas vezes a mesquinha não mudou de condição! Quantas outras de senhora se não tornou escrava! Quantas não viu talar seus campos aulaz o incircumciso! Profanado seu sanctuario, depredados seus thezouros, e arrastados seus filhos a ignobil captivo! Quantas vezes não rojou cadeias forjadas por nações que outr'ora invejaram suas grandezas!

Vimol-a tributaria ao Egypto, serva dos assyrios, escrava dos chaldeus, subjugada pelo rei da Syria, vil tropheu dos romanos, vencida dos gregos, senhoreada dos persas, opressa dos sarracenos, devastada dos omniadas e abassidas, profanada pelos califas de Bagdad e Damasco, prostituida pelos carismimis, avassalada pelos turcos, e sempre desolada, e sempre affligida, e pranteando suas eternas desventuras, inundada de sangue dos seus, orphã de naturaes protectores, de seus reis, de seus principes, e de seus sacerdotes, reduzida a um montão de pedras e convertida em covil de serpes e escorpiões; aviltada, despresada, conculcada e dilacerada de remorsos! Como está deserta a cidade cheia de povo! *Quomodo sedet ei sola civitas plena populo!* Oh! Jeruzalem! grandes, enormes foram os teus peccados! *Peccatum peccavit Jeruzalem.*

E' por esta espantosa contraposição que cada pedra tem uma significação opposta; gruta de Jeremias, gruta de Pelagio, Cedron, Gehenna; Tyropeon, Raphains; Cenaculo, Haceldama; Tabernaculo, gruta da Agonia; Gethsemani, Josaphat, monte Moria, monte do Escandalo; Calvario, Olivete! Que nomes! que recordações! que antitheses! que grandezas! que vicissitudes! A par das promessas, as ameaças; dos premios, os castigos; da abundancia, a penuria; das exaltações, os gemidos; das glorias, as desventuras; dos beneficios, as ingratições; do resgate, o deicidio! »